



Impactos do *bullying* na autoestima escolar de estudantes do Ensino Médio do Distrito Federal

Felipe Alves de Sousa¹
Evelyn Jeniffer de Lima Toledo²

INTRODUÇÃO

O *bullying* é definido por Olweus (1993) como comportamento negativo (desagradável ou prejudicial) intencional, repetitivo e ao longo do tempo por uma ou um grupo de pessoas contra uma pessoa que tem dificuldade em se defender. Comportamento negativo ou ação negativa citada pelo autor é quando alguém, intencionalmente ou não, causa danos, fere ou causa desconforto a outra pessoa. Isso engloba ação como contato físico, contato verbal ou de outra forma, como afirma Teixeira (2011), *bullying* moral ou psicológico.

Os casos registrados de *bullying* estão cada vez mais violentos e frequentes em todo mundo, como citados por Calhau (2010), Fante (2005), Harris e Petrie (2006) e Teixeira (2011). Segundo uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) entre 2002 e 2003 no Rio de Janeiro, com participação de 5428 crianças com idade média de 13 anos, 16,9% relataram ser alvos de *bullying*, 10,9% relataram ser alvos e autores de *bullying* e 12,7% relataram ser autores de *bullying*, além disso 57,5% dos estudantes relataram ser testemunha de *bullying*.

As consequências são diversas, em especial para as vítimas, que já tendem a apresentar baixa autoestima, as situações de agressões agravam mais ainda essa situação preexistente (SILVA, 2010). Elas apresentam queda de rendimento escolar, busca indiscriminada de popularidade e reconhecimento e até desenvolvimento de psicose ou paranoia (FANTE, 2005). Outras consequências comuns são sintomas psicossomáticos como insônia, palpitações, tensão muscular, entre outros; transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, esquizofrenia e em casos mais graves, o suicídio, como afirma Silva (2010), Beane (2010), Harris e Petrie (2006) e Lopes Neto (2005).

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade de Brasília - UnB, sousa.felipe9823@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora, Instituto de Química (UnB) - DF, jeniffer.toledo@gmail.com;



Portanto, o objetivo desse trabalho foi avaliar o impacto do *bullying* na autoestima escolar de estudantes do Ensino Médio em escolas do Distrito Federal, utilizando questionário quantitativo. Além disso, discutir a relação entre vítima, vítima/agressor, agressor e testemunhas considerando a autoestima entre elas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esse trabalho seguiu uma proposta do tipo quantitativa, na qual foi apresentado aos alunos do ensino médio um questionário contendo perguntas de múltipla escolha sobre o tema *bullying*, já aplicado por Bandeira e Hutz (2010) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (1965) adaptado e validado por Hutz (2011) de avaliação do tipo Likert com itens do tipo “Discordo Totalmente”, “Discordo”, “Concordo” e “Concordo Totalmente”. No presente trabalho todas as questões foram adaptadas para a autoestima em relação a vida escolar dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A autoestima representa um espectro avaliativo de autoconceito, é entendida por ser um conjunto de sentimentos e pensamentos sobre o próprio indivíduo, envolvendo valor, competência e adequação o que pode refletir em uma atitude positiva ou negativa em relação a si próprio (SBICIGO; BANDEIRA; DELLAGLIO, 2010). Na cultura ocidental, a autoestima está ligada positivamente a satisfação de vida e negativamente com a depressão (HUTZ; ZANON, 2011).

Ela é mensurada através da Escala de Autoestima de Rosenberg (1965), que foi desenvolvida inicialmente para avaliar a autoestima de adolescentes e é caracterizada em baixa (sentimento de incompetência ou incapacidade), média (oscila em aprovação e rejeição a si) e alta (confiança e competência). Utilizando a escala Likert de quatro pontos, ela possui 10 afirmações: 5 sobre “autoimagem” ou “autovalor” positivos (questões 1, 2, 4, 6 e 7) e 5 sobre “autoimagem negativa” ou “autodepreciação” (questões 3, 5, 8, 9 e 10).

A “autoimagem” é caracterizada por Rosenberg (1965) como “ter uma atitude em relação a um objeto”. Atitudes essas que englobam fatos, opiniões e valores em relação à própria pessoa, sendo orientadas favoravelmente ou desfavoravelmente e sendo “eu” um dos objetos em que as pessoas tomam atitudes. Quando essa atitude em relação à outra pessoa e ao “eu” é positiva desperta os sentimentos de respeito e empatia e se tem as reações emocionais

do tipo orgulho, vaidade, autoestima, presunção, vanglória entre outros. Por outro lado, quando essa atitude em relação à outra pessoa e ao “eu” é negativa desperta os sentimentos de ódio e desprezo com a reação emocionais do tipo desconfiança, vergonha, remorso, sentimento de descrença e desespero pessoal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foi realizado uma análise de confiabilidade da Escala de Autoestima, foi obtido um Alfa de Cronbach de $\alpha=0,86$ para o constructo “autoimagem positiva” e $\alpha=0,83$ para o constructo “autoimagem negativa”. Além disso, os valores de Alfa estão maiores ao do trabalho de referência para esse estudo que foi de $\alpha=0,74$ (BANDEIRA e HUTZ, 2010). No total 56 estudantes de duas escolas distintas responderam ao questionário, destes, 35 foram estudantes do gênero feminino (63%) e o restante (21) foram estudantes do gênero masculino (37%).

Em relação ao bullying, no grupo de estudantes do gênero masculino, no total 38,10 % dos estudantes se declararam vítimas de *bullying* e apresentaram valor de autoestima escolar de 2,5. No grupo do gênero feminino, no total, 34,29 % das estudantes se declararam vítimas de bullying e os valores de autoestima escolar para elas foi de 2,25. A fim de comparação, o papel neutro (que não sofreu, testemunhou ou agrediu outros estudantes) foi de 2,5 para as estudantes de gênero feminino e 3,0 para os estudantes de gênero masculino e representou 19,64 % do total de estudantes.

Nos dois grupos de gênero, as vítimas apresentaram valores de autoestima relativamente baixas comparado aos valores de autoestima do papel neutro. É conhecido na literatura (FANTE, 2005; OLWEUS, 1993) 3 perfis de vítimas: típica, provocadora e agressora. Segundo os autores, a vítima típica é pouco sociável, frágil e apresenta sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança e conseqüentemente baixa autoestima como foi demonstrado no presente estudo.

As vítimas classificadas como provocadora, é citada por Fante (2005) e Olweus (1993) como aquela que atrai reações agressivas, possui um “gênio ruim”, é hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora, além de causar tensões no ambiente em que se encontra. Essa classificação deprecia os estudantes que já sofrem com o bullying e como demonstrado pelos dados apresentados e relatado por Teixeira (2011), possuem baixos valores de autoestima, e ao utilizar essa definição os autores parecem até justificar a agressão vivenciadas pelas vítimas.

Nós, autores desse trabalho, discordamos dessa classificação, pois concentrar o bullying dessa forma é ignorar a complexidade e especificidade das interações sociais que envolvem os adolescentes.

Por último, a classificação vítima agressora é colocada por Olweus (1993) e Fante (2005) como a vítima que reproduz a violência sofrida, expandindo o bullying entre os colegas e elegendo novos alvos. Esses estudantes são considerados impopulares, com um alto nível de rejeição, possuem baixa autoestima e atitudes agressivas e provocativas e foi apresentado no presente estudo 19,05 % no grupo dos estudantes do gênero masculino com valor de autoestima escolar de 2,0, possuindo o menor valor de autoestima escolar encontrado nos estudantes.

No grupo do gênero feminino esse papel representou 14,29 % com autoestima escolar de 3,0. Os dados mostram um fato curioso em que os valores de autoestima escolar no papel de vítima/agressoras possuem um alto valor comparado aos demais papéis. Essa relação não é encontrada na literatura, foge do padrão relatado e deve ser investigado mais a fundo o motivo dessa ocorrência com novas pesquisas em relação ao tema. Entretanto, essa relação pode estar relacionada com o reforço positivo que as agressoras recebem pelos pares, que acabam por fazer elas se perceberem com alto valor social e conseqüentemente aumentar a sua autoestima como indicam Bandeira e Hutz (2010) e Lopes (2005) em seus trabalhos.

No grupo das testemunhas, muitas responderam que ao presenciar uma cena de bullying, 15 estudantes socorreram as vítimas, 11 pediram que os agressores parassem e ainda 2 estudantes marcaram que pediram ajuda à direção, professor ou funcionário da escola. Somente 9 do total de 34 testemunhas responderam que não fizeram nada. A autoestima no papel de testemunha, nos dois gêneros, foi o maior valor encontrado (3,0 para ambos). Como a maioria das testemunhas responderam que se impôs a fim de cessar o bullying e socorrer a vítima (28 das 34 testemunhas), é possível que o sentimento de possuir capacidade de interromper um ato de violência e defender os seus colegas pode influenciar em uma maior autoestima escolar, já que esses estudantes estão ativamente colaborando para melhorar o ambiente escolar, transformando um ambiente violento em um ambiente de paz. Cabe ressaltar que diferente das conclusões sobre as testemunhas, como de Teixeira (2011), Berger (2007) e Gini, *et al* (2007), onde afirmam que as testemunhas escolhem o silêncio para não se tornar o próximo alvo, a presente pesquisa demonstrou que 73,5% das testemunhas agiram de alguma forma para cessar o bullying.

Doze do total de 56 estudantes se declaram agressores e quando foi perguntado sobre como se sentiram depois de praticar o ato, 4 acharam engraçado, 3 se sentiram mal, 3 afirmaram

que acham que a vítima faria o mesmo com ele, 1 sentiu pena do colega e 1 afirmou que não sentiu nada ao praticar o bullying. O valor de autoestima escolar para esses estudantes foi de 2,5 para ambos os gêneros. De forma geral, é possível entender a partir dos dados obtidos no questionário que as testemunhas atuam contra os agressores ao presenciar uma ocorrência de bullying, o que pode gerar constrangimento ao agressor e com isso diminuir a sua autoestima escolar, explicando assim os valores relativos baixos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocorrência de *bullying* foi descrita por meio de um questionário previamente aplicado antes da Escala de Autoestima de Rosenberg (1965), que expôs a dimensão das situações vividas por estudantes do Ensino Médio de duas escolas. Os dados coletados listaram que no total 35,71% dos estudantes se declararam vítimas de bullying, 23,21% se declararam já ter presenciado ocorrência de bullying, 5,36% se declaram agressores e 16,07% se declaram vítimas e agressores.

Com base nos dados coletados conclui-se o bullying impacta diretamente na autoestima escolar dos estudantes de Ensino Médio. O papel das vítimas são os que possuem menor autoestima escolar impactados pela ocorrência de bullying no grupo do gênero feminino e o grupo do gênero masculino o papel de vítimas/agressores são o que possuem o menor valor, seguido pelo papel de vítimas. No presente estudo foi possível perceber que os estudantes no papel de testemunhas não ficaram passivos ao presenciar uma ocorrência de *bullying* e essa fato pode ter corroborado para que esses estudantes tenham uma maior autoestima escolar, por contribuir com o combate à violência no ambiente escolar. Além disso, esse fato pode ter relação com o baixo valor de autoestima escolar por parte dos estudantes agressores, por serem repreendidos pelos seus colegas.

Entretanto, esse fato não descarta que no grupo das meninas, as estudantes no papel de vítimas/agressoras possuem um valor alto de autoestima escolar e que pode ser explicado pela literatura que as agressoras podem ser populares e bem aceitas no ambiente escolar, o que colaboram para aumentar a sua autoestima.

Palavras-chave: *bullying*, autoestima, autoestima escolar, ensino médio, gênero.

REFERÊNCIAS

- OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford, UK: Blackwell.
- TEIXEIRA, G. (2011). *Manual antibullying para alunos, pais e professores*. Rio de Janeiro: Bestseller
- CALHAU, L. B. (2010). *Bullying: o que você precisa saber*. Niterói: Impetus
- FANTE, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Versus Editora.
- HARRIS, S. & PETRIE, G. F. (2006). *El acoso em la escuela: los agresores, las víctimas y los espectadores*. Barcelona: Paidós.
- BEANE, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles*. Rio de Janeiro: Bestseller
- LOPES NETO, A. A. (2005). *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-172.
- SILVA, A. B. B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva
- MANZINI, R. G. & BRANCO, A. U. (2017). *Bullying: escola e família enfrentando a questão*. Porto Alegre: Mediação.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. *As implicações do bullying na autoestima de adolescentes*. *Psicologia Escolar e Educacional*, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 131-138, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO).
- ROSENBERG, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press.
- HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian. *Adaptação brasileira da escala de autoestima de Rosenberg*. *Avaliação Psicológica*, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 10, p. 41-49, maio 2011.
- SBICIGO, Juliana Burges; BANDEIRA, Denise Ruschel; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. *Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna*. *Psico-USF*, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 395-403, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO).
- Berger, K. S. (2007). *Update on bullying at school: Science forgotten? Developmental Review*, 27, 90-126.
- GINI, G., et al (2007). *Determinants of adolescents' active defending and passive bystanding behavior in bullying*. *Journal of adolescence*, 10, 1-13.